

A FORMAÇÃO ESTÁ PRESENTE: EXPERIÊNCIAS NA TERRA COMUNAL¹

Autor: Prof. Drd. Sidiney Peterson Ferreira de Lima

Resumo: Como construir, coletivamente, uma ideia e uma prática de mediação cultural? Como provocar encontros e experiências no processo transitório e circunscrito de uma exposição de arte, temporária? Como promover, no território da mediação cultural, uma formação que favoreça a interação e a apropriação de conhecimentos? Estas questões se apresentaram como norteadoras para o trabalho de supervisor/mediador que tive a oportunidade de realizar na exposição *Terra Comunal: Marina Abramovic*. Neste artigo, pretendo tecer (ou desfilar) considerações, a partir do meu olhar, sobre essa experiência. Para tanto, busco situar o contexto de atuação e o projeto educativo para a formação de educadores / mediadores, em seguida, apresento *Modos de refletir: tecendo o mapa*, uma proposição que envolve o saber transitar, articular e produzir pensamento sobre e através da mediação cultural, uma ação baseada no conceito de cartografia (ROLNIK 2014; PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2014).

Palavras-chave: Mediação Cultural, Cartografia.

Abstract: *How to build, collectively, an idea and a practice of cultural mediation? How to provoke encounters and experiences in the transitional and limited process of a temporary art exhibition? How to promote, through the cultural mediation, an educators training that encourages the interaction and appropriation of knowledge? These issues were presented as guiding to the supervisor/mediator work that I had the opportunity to perform in the exhibition: Communal Land: Marina Abramovic. In this article, I intend to weave (or unravel) considerations from my gaze about that experience. For this I will to situate the context of work and the educational project for the educators / mediators training, after that, I present 'ways to reflect: weaving the map', a proposition that involves to know transit, articulate and produce thought about and through cultural mediation, an action based upon the concept of cartography (ROLNIK 2014; STEPS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2014).*

Key words: *Museum Education, Cartography.*

*Experiência [...] não é saber nem não-saber.
É um atravessar, uma travessia de uma borda a outra.*
Raul Antelo

Território de atuação: encontros possíveis

Sem ter um guarda-chuva, do carro corri para dentro do prédio sem qualquer preparação para o que eu estava prestes a ver. Estávamos no meio da tarde e o espaço estava cheio de pessoas e crianças e famílias. Havia uma grande energia, já que todo mundo estava ocupado com coisas muito diferentes para fazer. Encontrei também uma área muito

¹ A exposição Terra Comunal: Marina Abramovic+ MAI foi realizada no período entre 10 de março e 10 de maio de 2015, no SESC Pompéia em São Paulo. Mais informações ver: <http://terracomunal.sescsp.org.br>.

tranquila, as pessoas simplesmente lendo o jornal, estudando os livros ou sentados conversando, olhando as exposições, crianças brincando com objetos... Era um verdadeiro espaço de convivência. Uma fábrica de energia. E eu gostei imediatamente. Houve algum tipo de sentimento de democracia.
Marina Abramovic²

Terra Comunal: Marina Abramovic +MAI é título da exposição da performer sérvia Marina Abramovic, realizada no SESC Pompéia, em São Paulo, entre março e maio de 2015. Trata-se da maior exposição da artista na América do Sul, por isso, a mostra foi dividida em duas partes: *Terra Comunal: MAI* (que se subdivide em Método Abramovic e MAI Apresenta) e *Terra Comunal: Marina Abramovic*.

Terra Comunal: MAI teve Marina Abramovic, Lynsey Peisinger e Paula Garcia como curadoras e expôs ao público o *Método Abramovic*³ e o *MAI Apresenta*. No primeiro-realizado na Área de Convivência⁴ do SESC Pompéia- um convite ao público para explorar as fronteiras entre corpo e mente, a partir de uma técnica desenvolvida, ao longo de pesquisas realizadas durante muitos anos, por Marina Abramovic. Para o *Método Abramovic*, foram contratados cinquenta facilitadores⁵, profissionais responsáveis por instruir e acompanhar as atividades junto ao público. No *MAI Apresenta*, eventos ao vivo foram oferecidos ao público, no espaço do Galpão e do Teatro do SESC Pompéia ao longo da exposição. Entre os eventos, palestras com Marina Abramovic, práticas de longa duração e oito performances de artistas brasileiros convidados pela própria Abramovic.

Terra Comunal: Marina Abramovic, segunda parte da exposição, com curadoria de Jochen Volz, apresentou, em retrospectiva, um conjunto de obras composto por instalações, objetos transitórios, vídeos e registros documentais. De acordo com Jochen Volz, essa parte da exposição *toma como premissa a relação entre as proposições artísticas e a recepção pelo público*⁶. É no contexto deste espaço que se situa a experiência de mediação e formação de mediadores aqui apresentada.

Territórios de formação: inventando travessias

Sob a coordenação do Coletivo *Zebra5: Jogo e Arte*, trinta educadores e seis supervisores, dos quais fiz parte, foram selecionados para atuar no espaço retrospectivo da exposição. Uma equipe composta por profissionais com formação em diversas áreas de conhecimentos e experiências no campo da mediação cultural.

Sobre a formação do grupo, durante todo o mês, anterior à abertura da exposição, a equipe se reuniu para participar de um curso preparatório, elaborado pelo grupo de coordenadoras

² Relato de Marina Abramovic sobre seu primeiro contato com o espaço do SESC Pompéia.

³ Para saber mais sobre o Método Abramovic ver: <http://terracomunal.sescsp.org.br/metodos-abramovic/aproposta>.

⁴ Para saber mais sobre esse espaço ver: <http://www2.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arquitetura/site/espaco.asp?cd=87782>. Acesso em 02 de julho de 2015.

⁵ Trata-se de profissionais com formação, principalmente, no campo de performance, teatro, artes visuais e dança. Para esse grupo, antes da abertura da exposição foi oferecida formação sobre o Método Abramovic, com Lynsey Peisinger.

⁶ VOLZ, Jochen. Introdução escrita no folder da exposição Marina Abramovic +MAI. SESC, 2015.

em parceria com a supervisão. Deste curso inicial, como destaca Rejane Galvão Coutinho (2009) *ponto de concordância geral e privilegiada nos processos de formação* (p. 3744), é possível apontar como direcionamentos, a apropriação e ampliação de repertórios sobre a história da performance (e aqui, especificamente, um mergulho na produção de Marina Abramovic) e sobre ideias e práticas da mediação cultural.

Também é possível, a partir da realização de dinâmicas como estudos coletivos, elaboração e apresentação de propostas de mediação em grupos, criação de propostas de oficinas e ações poéticas, realçar desta proposta, o desejo por 'formar' um 'corpo coletivo', uma equipe que pensasse e realizasse o trabalho em coletividade.

Nesse sentido, durante as primeiras reuniões com a equipe de supervisores, foram discutidas algumas bases de trabalho, entre elas a afirmação do papel desses profissionais como propositores de ações que visassem à formação de educadores e educadoras, tanto na formação inicial, durante o curso preparatório, como durante a exposição. A proposta: o trabalho em parceria, o caminhar junto no território da mediação. Entre os objetivos: percebermos-nos um coletivo que, em aproximação ao pensamento de Cezar Migliorin, *não se faz como unidade, mas por irradiação de intensidade, um condensador, agregador de sujeitos e ideias, em constantes aproximações, distanciamentos, adesões e desgarramentos* (2012, p. 308).

À equipe de supervisão, também foi solicitado um plano de atuação e a apresentação de interesses que pudessem ser desenvolvidos durante o trabalho, naquela exposição. Neste momento, expus meu desejo de realizar ações visando à formação continuada do grupo supervisores de educadores. Um 'estar juntos' em pesquisas, estudos e debates sobre mediação cultural, com a finalidade de provocar diferentes reflexões sobre a maneira como pensamos e, efetivamente como essas reflexões podem direcionar as ações realizadas no espaço expositivo, onde também 'estamos juntos' com diferentes públicos.

É interessante pensar no espaço/tempo da mediação com o público como momentos que favorecem a troca e o confronto de diferentes pontos de vista por meio do diálogo (COUTINHO, 2009, p. 176), garantindo um espaço para expressão de ideias sobre a arte, um espaço que, para Giulliano Tierno de Siqueira (2013), *é sempre acompanhado de outros conceitos como: conversa, troca, aproximação, etc.* (p. 99). Ao problematizar o sentido destas palavras, o autor chama atenção para o que tem observado em algumas práticas contemporâneas de mediação cultural, como *a forja de um consenso - nomeado como diálogo - como instrumento apaziguador de conflitos, de divergências em relação aos modos de ver e de conceber a sociedade e a arte. Como se não houvesse fronteira entre o pensamento de um e o pensamento do Outro* (SIQUEIRA, 2013, p. 99).

Nessa direção, Rejane Galvão Coutinho (2009) aponta para a importância de, nos processos de formação, serem ressaltadas *as competências ou dimensões do campo comunicacional*, pois, o público formado primeiramente pelo coletivo do setor educativo e pelos visitantes *se constitui de sujeitos diversos, com diferentes demandas e necessidades, pertencentes a diferentes comunidades interpretativas* (p. 3745). Ao realçar a questão comunicacional, a autora sublinha questões importantes nos diálogos provocados durante a mediação, como a capacidade de *flexibilizar a comunicação para os diferentes públicos e a sensibilidade de escuta para perceber os diferentes contextos de origem dos sujeitos*

(2009, p. 2745) viabilizando e valorizando a riqueza dos diferentes pontos de vista, para expansão e expressão do pensamento em relação à arte, a sociedade e aos próprios sujeitos como leitores e participantes de uma mediação que se inventa em territórios com fronteiras a serem borradas.



Figura 1 - Atividades durante a formação de educadores/as.



Figura 2 - Momento de atividades durante a formação de educadores.



Figura 3 - Momento de atividades durante a formação de educadores.

Planejar atividades para formação continuada de um grupo de supervisores e educadores/mediadores é um movimento que compreende pensar as estratégias de mediação, as maneiras como as competências e dimensões da mediação são abordadas por esses atores e, não se pode pensar nessas ações sem considerar o próprio educador/mediador, suas histórias, experiências e contribuições na feitura desse processo. É ainda, pensar em como nos aproximamos dessas experiências e das estratégias para corporificar esses sujeitos mediadores de forma que, ocorra o estímulo e *seu comprometimento com o trabalho e com o próprio processo de formação, reforçando as complementaridades das formações iniciais* (COUTINHO, 2009, p. 3747) de maneira consciente e constante.

Com intenção de elaborar uma proposta permeada por contribuições dos educadores e de outros supervisores, busquei conhecer suas histórias no campo da mediação cultural. Um exercício que ampliou o espaço para o 'encontro' ou, como analisa Virginia Kastrup (2007) para uma *conexão direta, imediata* com as experiências e concepções da equipe sobre mediação.

É importante ressaltar que esses encontros se davam durante o período de trabalho, em reuniões com o grupo. Nesses momentos procuramos falar de experiências anteriores relatando sobre as condições de trabalho, as impressões do educador sobre o público, sobre as atuações de professores e responsáveis pelos grupos agendados.

Questionamentos emergiam dessas conversas: Como transformar esses relatos em propostas de visitas? Em atividades (oficinas) para o público frequentador? Entendo esses relatos como instantes importantes, no processo de formação, por sua capacidade de *captar e descrever aquilo que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos* (KASTRUP, 2014). Como tornar visível esse processo de reflexão e ação?

Ao ponderar sobre esses momentos em grupo, percebo esses encontros como oportunidades para, por um lado, me aproximar do grupo, seus processos de criação, suas experiências, das suas concepções, conflitos e expectativas, fator que corrobora na formação de um corpo coletivo (de pensamentos, de experiências e de construção de conhecimentos). Por outro lado, percebo também a oportunidade de encontro comigo mesmo e com minhas experiências, meus conceitos e práticas de mediação (como pertencem ao grupo? Como minhas vivências colaboram com o grupo?).

Recorrendo a análise de Luciano Bedin da Costa (2014), esses encontros me permitiram sair do mesmo lugar. Fui levado da zona de conforto para um lugar até então não habitado, um território com múltiplas ideias e práticas de mediação. Nesse trânsito dado pelo acompanhamento do processo de formação de educadores, outra via se abriu: o de rever e acompanhar minha própria formação, fato que me levou a refletir sobre as minhas concepções, minhas 'verdades' sobre mediação cultural. Nessa trajetória, os efeitos foram acompanhados no próprio percurso vivenciado (PASSOS, BARROS, 2014), contudo, nem sempre se tornaram visíveis durante a experiência, tornando-se necessário um afastamento para entender, aliás, 'entender' aqui *não tem nada a ver com explicar* (ROLNIK, 2014), mas com *mergulhar nas intensidades buscando expressões* (Idem) sobre essa mesma experiência.

Das trocas em grupo, amadureceu duas ideias: a primeira seria de evidenciar através de um 'mapa', fixado na parede da sala do educativo, as marcas desses encontros, entre as quais destaco aqui: diálogos, mediação, visitas, formação, experiência, corpo, público e arte. A segunda ideia diz respeito à criação, a partir desse mesmo desenho e das reflexões provocadas por ele, de propostas de visitas para grupos agendados. Ao trazer imagens do cotidiano para construção do 'mapa', buscava destacar a experiência da mediação de cada participante como *um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer* (PASSOS, BARROS, 2014, p. 17).

Invenções cartográficas: imagens do cotidiano

Tudo que não invento é falso.
Manoel de Barros

Modos de refletir: tecendo o mapa nomeia uma proposição que busca acompanhar processos (KASTRUP, 2014), olha para as possibilidades de compartilhar e provocar reflexões. Faz-se juntamente na maneira de saber transitar, articular e produzir pensamento sobre e através da mediação cultural.



**Figura 4 - Mapa desenhado por equipe de educadores e supervisores da exposição Terra Comunal: Marina Abramovic.
Foto: Sidney Peterson.**

A cartografia, da forma como aqui é compreendida, é uma prática que não busca por resultados ou conclusões, mas procura acompanhar processos (KASTRUP, 2014). Trata-se de uma experimentação, assumida enquanto atitude de investigação, que modifica os sujeitos e vai sendo modificada na própria trajetória.

Na cartografia, a escrita e/ou desenho são, na análise de Laura Pozzana de Barros e Virginia Kastrup (2014) uma *prática preciosa*, pois, *colaboram na produção de dados e tem a função de transformar observações [...] em conhecimento e modos de fazer* (p. 69/70). Para aproximar cartografia e desenho, Aline Dias (2011) destaca a relação de ambos à *tarefa de aprender e descrever o mundo, seja ele um continente, uma sala, uma narrativa, uma experiência* (p. 24). A artista e pesquisadora Tania Kovats, no livro *Drawing Book*, afirma que *desenhos não são coisas para simplesmente ver, mas constituem uma forma direta de comunicação* (KOVATS, 2007 apud DIAS, 2011).

Em *Modos de refletir: tecendo o mapa*, o desenho é suporte para o processo de pensar, organizar, apreender, questionar, estranhar a formação e a mediação. A ideia é mapear algumas impressões, temas que ficaram latentes no meu olhar e, que são a meu ver, importantes no processo de aprofundamento das reflexões: o contato entre educadores e artistas, a pesquisa que tinham como referência o corpo, o público e a arte; as visitas realizadas em grupo; o acompanhamento de visitas entre os educadores e a discussão e avaliação dessa visita pelos mesmos; o exercício da criação em performance (individual e

coletiva) relacionada com o contexto da exposição; a autogestão dos grupos de pesquisa; a discussão sobre concepções de arte e mediação durante as reuniões com a equipe de coordenação e supervisão; a criação de propostas em parceria com performers; o diálogo e a escuta como ferramentas nos momentos de conflitos (políticos, ideológicos).

Neste movimento, algumas questões ainda inquietam em cada território mencionado: Como operacionalizar proposições de mediação junto aos diferentes públicos? Como exercer mediações formativas, tendo como objetivo a autonomia crítica dos educadores? Como pensar a mediação na contemporaneidade? Faz-se urgente buscar responder a estas e outras questões que se colocam no campo da mediação, não dá mais, como aponta Coutinho (2009) para encarar a formação no campo de mediação cultural de forma ingênua ou romântica ignorando os pressupostos ideológicos que as orienta. Enfim, trata-se de *um trabalho que demanda uma formação específica e profundamente comprometida* (COUTINHO, 2009, p. 3747). Um trabalho que deve ser acompanhado, orientado e direcionado com clareza em seus posicionamentos.

A leitura que realizo hoje dessa ação, meses após o final da exposição, me leva para um lugar de reflexão em que percebo que o mapa como lugar de pensamento, de troca, de relações e criações, sempre EM construção. Não posso afirmar que os roteiros de visitas criados pelos educadores tenham tido como fonte única o mapa e não era esse o objetivo, aliás, a construção do mapa não surgiu como uma ideia pronta, mas foi se colocando como urgência quando entendemos que era preciso falar de mediação, da nossa prática.

Assim, entendo o mapa como lugar de relatos, de revisões e de aproximações entre aquilo que penso e aquilo que não tinha conhecimento, mas passei a ter no contato com a ideia do outro, com imagens que iam compondo o mapa, este nunca foi finalizado, até o último dia da exposição imagens foram criadas no mapa, levando-me a entendê-lo como um processo que não acabou junto à exposição, mas que continuará comigo e com todos que dele fizeram parte, criando em coletivo.

Referências

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane G (Org.). Arte/Educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2008.

COUTINHO, Rejane Galvão. Questões sobre a formação de mediadores culturais. 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais, Salvador/BA, 2009a.

_____. Entre o encontro e a provocação: a ação mediadora. In: MARTINS, Mirian C.; SCHULTZE, Ana Maria; EGAS, Olga (Org.). Mediando [com]tatos com arte e cultura. Universidade Estadual Paulista- Instituto de Artes. Pós-graduação, São Paulo/SP, v. 1, nº 1, 2007.

_____. Estratégias de mediação e a abordagem triangular. In: BARBOSA, Ana Mae;

COUTINHO, Rejane G. Arte/Educação como mediação cultural e social. Ed Unesp, São Paulo/SP. 2009b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs. v.1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DIAS, Aline. Desenho e cartografias cotidianas. In: COELHO, Elke; VILLA, Danilo (Org.) Cartografias Cotidianas, 1ª ed. Londrina/PR: UEL, 2011.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, UFRGS, 2014.